

Crescimento à vista

Empresas de óleo e gás vislumbram melhora no setor, mas logística *offshore* segue com poucos investimentos



Foto: do Açu/Divulgação

Tanto a localização quanto a estrutura de apoio logístico *offshore* já instalada no porto tornam esse setor o principal vetor de crescimento nas operações do complexo. Apesar de visualizar um aumento das operações *offshore* para o próximo ano, o porto também comemora o crescimento nas operações este ano. Os números de embarcações de apoio em 2019 até o momento já superam o registrado ao longo de todo o ano passado. Foram feitos 2.451 acessos só este ano.

Cerca de 80% do movimento de entrada e saída de embarcações do Porto do Açu é voltado para apoio logístico. Além disso, segundo informou o terminal, tem havido crescimento na demanda para a instalação de novas bases de apoio, bem como a entrada de novos *players* no mercado.

Os blocos leiloados na Bacia de Campos e Espírito Santos, além do contínuo processo de desinvestimento dos campos maduros pela Petrobras, têm atraído o interesse de empresas que ainda não estão baseadas no porto. O terminal informou que já está com conversas em andamento para futuras instalações. O Porto do Açu movimentou mais de 50% de equipamentos e materiais para as operações na Bacia de Campos, que é atendida pelas empresas de logística instaladas no complexo.

O porto conta com 14 empresas instaladas. Destas, 70% se destinam a apoio logístico *offshore*. Entre elas está a Edison Chouest, empresa que opera a maior base de apoio *offshore* do mundo. O terminal também conta com a presença da líder mundial de fornecimento de componentes para perfuração, a National Oilwell Varco (NOV).

A TechnipFMC, também do ramo de perfuração marítima, está desenvolvendo no porto uma *spoolbase* para atuar no recebimento de tubos rígidos, armazenagem, movimentação, soldagem e revestimento das linhas. Com a presença dessas empresas, e também devido a uma boa localização, o Porto do Açu está se tornando um importante *hub* para logística de equipamentos submarinos de alto porte, incluindo a logística de dutos rígidos e flexíveis.

Dérika Virgulino

Com os últimos leilões de blocos de petróleo realizados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), as empresas de bases de apoio *offshore*, terminais portuários e petroleiras enxergam retomada no setor de óleo e gás para meados de 2020.

O Porto do Açu, com localização estratégica no norte do Rio de Janeiro, afirma que a previsibilidade de uma agenda plurianual de leilões traz otimismo para o setor, incluindo o de bases de apoio *offshore*. O terminal visualiza que a tendência é de fortalecimento do setor com as novas campanhas de exploração, posterior desenvolvimento e durante todo o período de produção de petróleo.

Bases de apoio, terminais e petroleiras veem retomada no setor de óleo e gás para meados de 2020

Recentemente a Brasco, empresa de bases de apoio *offshore* do Grupo Wilson Sons, fechou contrato com a NFX Combustíveis Marítimos, *joint venture* entre a BP e a Prumo Logística, empresa que administra o porto. O contrato é para oferecer suporte às operações de transbordo no terminal de combustíveis marítimos (TECMA) no complexo.

Além de atuar como operadora do terminal, encarregada das manutenções preventivas e corretivas da unidade, a Brasco fará a gestão completa daquele. Essa atividade compreende programação das operações, atracação e desatracação, monitoramento dos transbordos e manutenção dos equipamentos e instalações.

Embora a empresa também aguarde crescimento no setor de apoio *offshore* para os próximos anos, ela afirma que poderia ter sido ainda melhor caso os leilões tivessem corrido como o esperado. Para a Brasco, a forte presença da Petrobras na cessão onerosa e na 6ª rodada de partilha dos blocos, realizadas recentemente, prejudicou a retomada do setor em curto prazo devido à pouca diversificação das operadoras.

No entanto, para a empresa, o lado positivo foi o compromisso assumido pelo governo, pelo Ministério de Minas e Energia e pela ANP de revisar as regras para os próximos leilões, visando ganhar mais atratividade para as operadoras.

Apesar de considerar que em 2019 o mercado de óleo e gás ainda tenha enfrentado um período de atividade reduzida, a Brasco obteve um aumento de 24,2% em registros de atracações de apoio, se comparado ao ano passado. Em números foram 637 atracações este ano, contra 513 no mesmo período de 2018.

A Petrobras, que arrematou importantes blocos nos últimos leilões, afirmou que suas bases de apoio logístico estão dimensionadas para atuar nas novas campanhas do pré-sal. O atendimento logístico da empresa foi pensado para atender às unidades marítimas agrupadas por bacias, respeitando a otimização dos recursos. Assim, para as Bacias de Campos e do Espírito Santo são utilizadas bases

de apoios nos Portos do Açú e Macaé, além dos aeroportos de Macaé, Vitória, Campo dos Goytacazes e o Heliporto de São Tomé.

Para a Baía de Santos, são utilizados como bases de apoio logístico o Porto do Rio de Janeiro, além dos aeroportos de Cabo Frio e Jacarepaguá. A estatal afirmou que não ampliou suas bases de apoio logístico em 2019, apesar de ter fortalecido suas atividades de produção a partir deste ano. Também não há planejamento no momento para novas bases de apoio.

O Porto do Açú está em fase de licenciamento para a instalação de um heliporto dentro do complexo. Com obras previstas para começar ainda este ano, a expectativa é que as operações já sejam iniciadas em 2020. O heliporto do Açú é um empreendimento fruto da parceria do Grupo Prumo com o Grupo Aeropart. Este último também é responsável pelo aeroporto de Cabo Frio, na Região dos Lagos.

Para a Brasco, a forte presença da Petrobras nos leilões recentes prejudicou a retomada do setor em curto prazo

Também está em andamento o projeto do Condomínio Logístico e Industrial destinado ao setor de apoio logístico *offshore* do porto. O empreendimento vai oferecer pátios e galpões modulares, com ofertas de serviços compartilhados e opções de serviços *pay-per-use* (pague pelo uso, em tradução livre). O condomínio deve atender à demanda de fornecedores e operadores logísticos, além de empresas de equipamentos industriais, com uma distância de três minutos dos terminais portuários.

A Equinor Brasil não detém bases de apoio. A estratégia da petroleira em termos de bases logísticas é a contratação de serviços e soluções do mercado fornecedor especializado nas modalidades de *pay-per-use* e *fit-for-purpose*, capazes de atender às demandas de diversos ativos. Atualmente, as necessidades em logística dos ativos da Equinor são atendidas pelo Porto do Açú e via Baía de Guanabara.

De acordo com a empresa, o número e as localidades de bases de apoio estão em constante avaliação com o objetivo de aumentar o nível de atendimento no setor. Porém, ela destaca que nesse processo a empresa observa a otimização dos custos e também as sinergias entre licenças e ativos.

O portfólio da empresa destinado ao apoio logístico consiste em cinco



Brasco/Divulgação

INDÚSTRIA NAVAL E OFFSHORE

Brasil Port/Divulgação



barcos de apoio, entre PSVs, AHTS e LHs. Recentemente a Equinor enviou ao mercado uma solicitação de informação (RFI) para buscar soluções de barcos de apoio híbridos, com utilização de baterias e inteligência para controle e consumo mais eficiente. A empresa afirmou que tem encorajado seus fornecedores a apresentar tecnologias e soluções para reduzir a emissão de carbono, bem como inovações em automação e digitalização.

As atividades exploratórias do bloco BM-S-8, na Bacia de Campos, realizadas pela Equinor recebem apoio logístico da Brasco. Esta também atende à petroleira brasileira Enauta, com o apoio logístico às atividades de perfuração e produção do Campo de Atlanta, na Bacia de Santos. Essas operações são realizadas pela base de apoio sediada na Ilha da Conceição, no município de Niterói.

A Brasco também foi contratada pela Total E&P do Brasil para oferecer suporte logístico às atividades de perfuração e produção no Campo da Lapa, localizado no pré-sal da Bacia de Santos. A base de apoio que atende a essa operação é a Brasco Rio, no Rio de Janeiro. Essa base de apoio pertence à própria empresa, assim como a Brasco Niterói. Ambas dispõem de um total de oito berços, com um calado de 7,5 metros cada.

O Porto do Açú avalia que previsibilidade de uma agenda plurianual de leilões traz otimismo

Em dezembro deste ano, a Brasco comemora 20 anos de atuação no segmento de apoio *offshore* no país. A empresa anunciou também que deve construir uma nova base de apoio logístico na Margem Equatorial Brasileira, isto é, na linha do Equador que corta o norte do país.

O Porto do Açú tem mais de 30 berços de atracação ligados à logística *offshore*. Recentemente a empresa Brasil Port, com a maior base de apoio em funcionamento do porto, iniciou a construção de um dique flutuante para reparo de embarcações de apoio. O complexo ainda dispõe de mais de cinco quilômetros de cais para a realização de atracações, além de armazéns, empilhadeiras e pontes rolantes também voltados para o setor de logística.

No complexo do Açú também vem sendo desenvolvido o projeto Açú Petróleo de tancagem de óleo. O projeto deve contribuir com a logística de combustíveis a médio e longo prazo. A ideia é que o Açú Petróleo seja responsável pelas operações de trans-

bordo de óleo cru. Ele também deve contemplar o parque de tancagem e oleodutos que conectarão o porto aos campos produtores da Bacia de Campos e também às refinarias instaladas no sudeste do país.

Embora tenha arrematado blocos de petróleo na 16ª rodada de licitações realizadas pela ANP em outubro deste ano, a holandesa Shell afirmou que não tem demanda para recursos adicionais na área portuária. Porém, a petroleira afirmou que isso pode mudar a depender das oportunidades avaliadas pela companhia.

Atualmente, a Shell tem uma sequência operacional para uma sonda de perfuração para a qual já tem recursos logísticos contratados. Ela informou que opera de maneira regular no terminal VOL, no Espírito Santo. Esse dá apoio logístico aos negócios operados em fase de produção e no FPSO Fluminense e no FPSO Espírito Santo, e também na Nitshore, na Baía de Guanabara. O apoio logístico que ela oferece se destina às atividades de exploração dos Campos Gato do Mato, Alto do Cabo Frio e, em breve, de Saturno.

Para as atividades de produção, a companhia tem contrato com a Bram/Chouest e com a Solastad. Já para o trabalho de perfuração, a empresa atua com a Tide Water e com a Maersk. No entanto, demandas adicionais têm sido comuns à empresa, a depender de projetos e intervenções programadas.

A petroleira informou que a legislação brasileira permite espaço para melhorias na logística *offshore*. Segundo ela, o país deveria permitir o compartilhamento de recursos logísticos entre empresas do setor, assim como ocorre no Mar do Norte e no Golfo do México. A Shell informou que as operadoras têm se mobilizado junto aos legisladores para encontrar um equilíbrio ideal sobre esse compartilhamento. O objetivo é que o setor petroleiro possa ter uma cadeia de suprimentos mais eficiente e competitiva no Brasil. Isso ajudaria o país a ampliar o setor de óleo e gás e também na geração de emprego e riqueza. Com logística, a empresa revelou que gera em torno de 1.200 empregos diretos no país. ■